

**PROCESSOS COGNITIVOS E PÓS-ESTRUTURALISMO: ALGUMAS REFLEXÕES
A PARTIR DE GILLES DELEUZE E FELIX GUATARRI**

COGNITIVE PROCESSES AND POST-STRUCTURALISM: SOME REFLECTIONS
BASED ON GILLES DELEUZE AND FELIX GUATARRI

PROCESOS COGNITIVOS Y POSTRUTURALISMO: ALGUNAS REFLEXIONES DE
GILLES DELEUZE Y FÉLIX GUATARRI

Cínthia Nolácio de Almeida Maia¹ <https://orcid.org/0000-0002-2488-8273>

¹Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Jacobina, Bahia, Brasil;
cinthianolacio@yahoo.com.br

RESUMO: O Pós-estruturalismo pode ser definido como um movimento complexo e interdisciplinar de pensamentos que buscou repensar muitos princípios das teorias estruturalistas. Seus principais objetivos foram o questionamento da crença na razão e progresso da Ciência, a crítica ao sujeito oriundo do Iluminismo, o afastamento das metanarrativas e dos essencialismos e a recusa ao pensamento da representação da realidade que antecede à linguagem e é exterior aos indivíduos. Comumente, o Movimento Pós-estruturalista é atrelado a um grupo diverso de pensadores, dentre eles: Michel Foucault, Jacques Derrida, Jean Baudrillard, Jean-François Lyotard, Felix Guatarri, Gilles Deleuze. Especificamente, Guatarri e Deleuze, objeto de interesse do presente texto, trazem importantes reflexões no que tange a algumas dimensões imersas nos processos cognitivos, tais como: a estrutura do conhecimento, que segundo esses autores não deve se pautar numa visão positivista e hierarquizada, mas sim, numa visão rizomática e “desterritorializada”; o pensamento e o aprendizado, que devem ser concebidos de forma descentrada, individual e atrelados às experiências dos sujeitos; e a linguagem, que precisa ser entendida como um “produto” histórico-cultural. No bojo dessas asserções, o presente artigo, que se baseia em revisão de bibliografia específica, objetiva apresentar discussões sobre algumas dessas dimensões imbricadas nos processos cognitivos, numa perspectiva pós-estruturalista, a partir de estudos de Guatarri e Deleuze.

Palavras-chave: Processos Cognitivos; Pós-Estruturalismo; Gilles Deleuze; Felix Guatarri.

ABSTRACT: Post-structuralism can be defined as a complex and interdisciplinary movement of thought that sought to rethink many principles of structuralist theories. Its main objectives were to question the belief in reason and the progress of Science, to criticize the subject originating from the Enlightenment, to distance itself from metanarratives and essentialisms, and to refuse to think about the representation of reality that precedes language and is external to individuals. The Post-structuralist Movement is commonly linked to a diverse group of thinkers, including: Michel Foucault, Jacques Derrida, Jean Baudrillard, Jean-François Lyotard, Felix Guatarri, and Gilles Deleuze. Specifically, Guatarri and Deleuze, the object of interest of this text, bring important reflections regarding some dimensions immersed in cognitive processes, such as: the structure of knowledge, which according to

these authors should not be based on a positivist and hierarchical vision, but rather on a rhizomatic and “deterritorialized” vision; thought and learning, which must be conceived in a decentralized, individual way and linked to the experiences of the subjects; and language, which needs to be understood as a historical-cultural “product”. In the context of these assertions, this article, which is based on a review of specific literature, aims to present discussions on some of these dimensions intertwined in cognitive processes, from a post-structuralist perspective, based on studies by Guattari and Deleuze.

Keywords: Cognitive Processes; Post-Structuralism; Gilles Deleuze; Felix Guatarri.

RESUMEN: El postestructuralismo puede definirse como un movimiento de pensamiento complejo e interdisciplinario que buscó repensar muchos principios de las teorías estructuralistas. Sus principales objetivos fueron cuestionar la creencia en la razón y el progreso de la Ciencia, criticar el tema originado en la Ilustración, alejarse de metanarrativas y esencialismos y negarse a pensar en la representación de la realidad que precede al lenguaje y es externa a los individuos. . Comúnmente, el Movimiento Postestructuralista está vinculado a un grupo diverso de pensadores, entre ellos: Michel Foucault, Jacques Derrida, Jean Baudrillard, Jean-François Lyotard, Felix Guatarri, Gilles Deleuze. En concreto, Guatarri y Deleuze, objeto de interés de este texto, aportan importantes reflexiones respecto de algunas dimensiones inmersas en los procesos cognitivos, tales como: la estructura del conocimiento, que según estos autores no debe basarse en una visión positivista y jerárquica, sino eso sí, en una visión rizomática y “desterritorializada”; el pensamiento y el aprendizaje, que deben ser concebidos de manera descentrada, individual y vinculada a las vivencias de los sujetos; y la lengua, que debe ser entendida como un “producto” histórico-cultural. En el contexto de estas afirmaciones, este artículo, que se basa en una revisión de bibliografía específica, tiene como objetivo presentar discusiones sobre algunas de estas dimensiones entrelazadas en los procesos cognitivos, desde una perspectiva postestructuralista, a partir de estudios de Guatarri y Deleuze.

Palabras clave: Procesos cognitivos; Postestructuralismo; Gilles Deleuze; Félix Guatarri.

Introdução

A palavra cognição vem da raiz latina *cognoscere* e significa, literalmente, conhecer. Nas últimas décadas, muitos estudos, em diferentes áreas (Psicologia, Neurociência, Linguística, Neurobiologia, entre outras) têm buscado cunhar definições e explicações para o termo e, embora não haja um conceito único e fechado, em linhas gerais, pode-se afirmar que ele se refere às habilidades e processos de aquisição, desenvolvimento, acesso, produção, utilização e representação do conhecimento, ou seja, é a habilidade de adquirir, analisar, interpretar e transformar informações em conhecimento.

Esses estudos sobre o fenômeno da cognição podem ser agrupados em duas linhas: a que é considerada objetiva e assume a realidade como preexistente, pré-dada e independente do sujeito (as mais conhecidas são o cognitivismo e o conexionismo); e a outra é a não-objetiva,

a qual assume a realidade como construída pelo sujeito na sua interação com o ambiente (as mais conhecidas são a cognição situada e a cognição inventiva/ampliada).

Segundo Venâncio (2006), as abordagens cognitivas consideradas como objetivas podem ser caracterizadas da seguinte maneira:

As principais conhecidas como cognitivismo e conexionismo, partilham alguns princípios, sendo o principal deles o princípio cartesiano-analítico-objetivista. Esse princípio caracteriza-se por estabelecer a separação sujeito/objeto, ou “mundo das coisas” e “mundo da mente”, e por considerar o mundo como algo objetivo cujas características e relações podem ser captadas e representadas na mente do indivíduo, restando aos observadores a tarefa de recuperá-las adequadamente, seja por meio de símbolos ou estados sub-simbólicos globais (Venâncio, 2006, p. 30).

Destarte, vários estudiosos (Stengers, 1992; Brown Et Al., 1989; Watson, 1998; Varela, 1996; Kastrup, 2005) vem apontando críticas e limites a essas abordagens e defendendo a cognição situada e a inventiva/ampliada. Na abordagem situada, a aprendizagem está vinculada às atividades, as quais são passíveis de significações, representações e sentidos dos mais variados tipos, nas mais diversas culturas, nesse sentido, o processo cognitivo é tido não como uma representação de um mundo pré-dado, mas como uma construção de mundo dinâmica e, portanto, inseparável do histórico de vida, ela é resultado da interação do sujeito com o seu mundo num processo em que ele constrói e vai sendo construído.

Na cognição inventiva/ampliada o mundo também não é anterior à experiência, e as trajetórias de vida dos sujeitos os “forçam” a construir, não somente soluções para os problemas, mas inclui “a invenção de problemas (criatividade), constituindo-se aqui o problema e solução nas duas faces do processo de aprendizagem inventiva” (Sales, 2014, p.82). Analisando as abordagens supracitadas, Sales (2014) também afirma que partindo dessas concepções pode-se entender que a cognição

É compreendida como sendo uma prática de invenção numa atuação incorporada de bases históricas, culturais e ontológicas que possibilitam a construção do conhecimento envolvendo um ser/sendo e suas experiências individuais e coletivas, subjetivas e intrasubjetivas, num processo de criação e recriação dinâmico e permanente, implicando numa cognição inventivo-situada (Sales, 2014, p.83).

Vale ressaltar que muitos dos princípios que justificam e orientam a virada da cognição de abordagem objetiva ou do “modelo individual” para a abordagem situada/ampliada se encontram nas análises dos pensadores pós-estruturalistas e suas críticas,

entre outras coisas, aos essencialismos, as homogeneizações, a concepção clássica de sujeito e de linguagem, a ideia de existência de uma realidade exterior aos indivíduos.

Dentre os teóricos pós-estruturalistas, interessa no presente texto, as discussões encetadas por Deleuze e Guatarri, que por meio da criação e análise de vários conceitos, procuraram rejeitar as compreensões metafísicas da cognição humana baseadas em modelos de pensamento individualistas, essencialistas e homogêneos, defendendo uma visão rizomática, múltipla, heterogênea, plural, fluida acerca de várias dimensões imbricadas nos processos cognitivos.

Assim, o presente trabalho, que se baseia em revisão de bibliografia específica, objetiva apresentar discussões sobre algumas dessas dimensões que fazem parte dos processos cognitivos, tais como a linguagem, a estrutura do conhecimento, a aprendizagem e o pensamento, a partir de estudos de Guatarri e Deleuze.

Pós-estruturalismo: alguns apontamentos

O Pós-estruturalismo pode ser entendido como um movimento bastante heterogêneo, composto por várias correntes e por uma rede complexa de pensamentos interdisciplinares que, sob inspiração de Martin Heidegger, Friedrich Nietzsche e outros pensadores, buscou, não romper, mas reanalisar e questionar muitos princípios das teorias estruturalistas. Ele surgiu na França durante a década de 1960 e é comumente associado a um grupo também heterogêneo de pensadores, dentre os quais se destacam: Michel Foucault, Jacques Derrida, Gilles Deleuze, Jean Baudrillard, Jean-François Lyotard, Felix Guatarri, entre outros.

Devemos interpretar o pós-estruturalismo, pois, como uma resposta especificamente filosófica ao status pretensamente científico do estruturalismo e a sua pretensão a se transformar em uma espécie de megaparadigma para as ciências sociais. O pós-estruturalismo deve ser visto com um movimento que, sob inspiração de Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger e outros, buscou descentrar as “estruturas”, a sistematicidade e a pretensão científica do estruturalismo, criticando a metafísica que lhe estava subjacente e estendendo-o em uma série de diferentes direções, preservando, ao mesmo tempo, os elementos centrais da crítica que o estruturalismo fazia ao sujeito humanista (Peters, 2000. p. 10).

Mesmo reconhecendo algumas continuidades do pós-estruturalismo em relação ao estruturalismo, para fins do presente trabalho, apresenta-se mais as rupturas do que as continuidades desses movimentos. Assim, corroborando com Gutting (1998), pode-se afirmar, de forma resumida, que as principais críticas feitas pelos teóricos pós-estruturalistas ao estruturalismo, estão baseadas em duas teses, a saber:

(1) Nenhum sistema pode ser autônomo (autossuficiente) da forma que o estruturalismo exige; e (2) as dicotomias definidoras nas quais o sistema estruturalista está baseado expressam distinções que não se sustentam após uma cuidadosa análise. [...] Os pós-estruturalistas mantêm a crítica estruturalista do sujeito, negando ao sujeito qualquer papel importante na fundação da realidade ou no conhecimento que podemos ter dessa realidade. Mas, em oposição ao estruturalismo, eles também rejeitam a ideia de que um sistema de pensamento possa ter qualquer fundamentação lógica (em sua coerência interna, por exemplo). Para os pós-estruturalistas, não existe nenhuma fundação de qualquer tipo que possa garantir a validade ou a estabilidade de qualquer sistema de pensamento. Os filósofos pós-estruturalistas têm se preocupado particularmente com, as dicotomias fundamentais (ou oposições) subjacentes às teorias estruturalistas nas ciências humanas. A linguística de Saussure, por exemplo, baseia-se na distinção entre o significado e o significante; a antropologia dos mitos de Lévi-Strauss emprega oposições como cru/cozido e assim por diante. Em cada caso, os pós-estruturalistas argumentaram que a dicotomia não possui status absoluto porque as alternativas que oferece não são exclusivas nem exaustivas (Gutting, 1998, 829).

Nessa mesma direção, Borda (2015) considera que as rupturas mais significativas entre esses dois movimentos são: o pós-estruturalismo se interessa mais pela história crítica (diacronia), voltada para as descontinuidades, as transformações e a “diferença”, enquanto que o estruturalismo se voltava mais à continuidade e à reprodução do sistema (sincronia); o pós-estruturalismo questiona a pretensão da cientificidade das Ciências Humanas centralizando a discussão de um perspectivismo epistemológico, no lugar da certeza da existência de uma realidade exterior aos indivíduos e da mente humana como ordenadora da realidade; por fim, com o estruturalismo, o estudo do ser passa a ser historicizado.

Já Silva (2011) resume tais rupturas ressaltando os seguintes pontos: a) o pós-estruturalismo busca romper com os binarismos; b) refuta à concepção do sujeito oriundo do Iluminismo, concebendo o sujeito como descentrado e constituído por múltiplas identidades; c) questiona a crença na razão e no progresso da ciência; d) enfatiza a questão da diferença; d) visa romper com os discursos totalizantes, as metanarrativas, as verdades universais e os essencialismos; e) entende o discurso como histórico e envolto em relações de saber-poder.

Diante das assertivas supracitadas, é importante aqui desenvolver uma discussão mais detalhada acerca de alguns deslocamentos gerados pelo pós-estruturalismo quando comparado às perspectivas estruturalistas, sendo uma dessas importantes questões a da linguagem.

Para o estruturalismo, a linguagem é um sistema abstrato e é concebida como meio para se acessar e atingir a realidade sendo esta entendida de forma homogênea, rígida, estável e totalmente exterior aos sujeitos, havendo uma superioridade do significante em relação ao significado. Assim:

Os estruturalistas procuram investigar como determinados significados culturais são produzidos nas inter-relações que se estabelecem em uma estrutura, e como esses significados posicionam os sujeitos. Neste processo os estruturalistas constroem metanarrativas em que pretendem explicar a constituição e o funcionamento de uma estrutura, definindo-a em função de conceitos binários como tentativa de eliminar as ambiguidades (Pereira, 2010, p. 422).

A perspectiva pós-estrutural critica essa concepção de linguagem, entendendo-a de forma fluida, instável, contingencial, dinâmica e não neutra, estando o significante e o significado em mútua relação, ou seja, o sentido do que falamos é sempre posterior ao ato da fala porque depende da relação com o outro que preexiste a nós (Lopes, 2006), dessa forma, os pensadores pós-estruturalistas entendem o discurso como uma construção histórico-social, estruturada pela linguagem, refletindo o contexto histórico-social e político dos seus atores, bem como, do espaço que expressa.

Seguindo os *insights* da teoria linguística, a teoria do discurso pós-estruturalista vê a sociedade como um sistema de significado e discursivamente construído de relações diferenciais entre seus elementos constitutivos. Contudo, enquanto na teoria da linguagem de Saussure o significado de uma palavra é totalmente determinado pela sua localização relacional na estrutura de uma dada língua, a teoria do discurso pós-estruturalista enfatiza que as ordens sociais nunca são totalmente estruturadas, mas abertas a intervenções políticas e deslocamentos que tornam impossível ligá-los a um fundamento último, daí a classificação de pós-estruturalista (Panizza; Miorelli, 2013, p. 302).

Outra questão importante no que tange a crítica pós-estruturalista ao estruturalismo se refere ao cientificismo iluminista. Para Pereira (2010) o cientificismo acaba por funcionar como um discurso mestre sobre a ciência e suas possibilidades de emancipação social dos sujeitos mas que acabou não cumprindo suas promessas. Já Adorno e Horkheimer (1985) enfatizam que a ênfase na ciência positivista gerou um totalitarismo da razão objetivando subsumir as diferenças, as subjetividades, a possibilidade da análise das singularidades, defendendo a ideia de emancipação dos homens e da humanidade por meio da razão crítica.

De acordo com Peixoto (2008), a razão, colocada pelo paradigma da modernidade como fundamento de todas as coisas, objetivou eliminar as desigualdades e gerar estabilidade em todos os âmbitos da vida do sujeito, nessa perspectiva, tal sujeito é concebido como sendo homogêneo, consciente, centrado, ou seja, “é esse sujeito que, guiado pela ordem e pelo controle, garante o progresso de toda a estrutura social” (Peixoto, 2008, p. 495).

O pós-estruturalismo contraria essa concepção ao defender que os sujeitos não têm nenhum fundamento essencial ou originário, ele é resultado de um processo de produção cultural e social, é resultado das múltiplas experiências, vivenciadas em contextos diversos,

onde vai constituindo com múltiplas identidades, ele é descentrado, não está posicionado a partir de relações estruturais determinadas. Dessa forma,

os pós-estruturalistas rejeitam o essencialismo de qualquer parte, por isso o sujeito de seus trabalhos aparece na maior parte das vezes como resultado de um movimento de produção e efeito, bem diferente daquele sujeito completamente autônomo, contida na perspectiva da noção ou filosofia do sujeito constituída a partir das premissas kantianas, que foram base para o sujeito moderno (Souza e Costa, 2020, p. 191).

Essa ideia de rejeição aos essencialismos e de defesa ao descentramento e desconstrução é defendida por Williams (2012) que afirma que o pós-estruturalismo se propõe a desconstruir, transformar, desorganizar os discursos empreendidos pela metafísica para lhes dar outros funcionamentos, questionar categorias fixadas, naturalizadas e universalizadas pelo discurso hegemônico, possibilitando a invenção de outros significados, ampliando as possibilidades de se pensar determinados fenômenos. Nesse sentido, rejeita-se a ideia de uma única razão, uma única verdade, uma única forma de se compreender a realidade.

As diferentes correntes pós-estruturalistas coincidem em seu afã de desconstruir os grandes relatos hegemônicos, as narrativas ocidentais ‘autorizadas’ pelos grandes sistemas de dominação que dotam de sentido e com isso legitimam os poderes fáticos vigentes nas sociedades contemporâneas (Dreyfus; Rabinow, 1982, 112).

Nesse sentido, a diferença é radicalmente defendida porque o pós-estruturalismo crítica “os valores supostamente universais da cultura política (eurocêntrica) do Iluminismo, questionando, em particular, as justificações fundacionais e filosóficas fornecidas para o estabelecimento de certos direitos” (Peters, 2000, p. 42).

Para Derrida (2001) esse descentramento dos sujeitos corrobora para o entendimento de que as experiências diversas levam a construção das identidades, além do fato de que, essa desconstrução implica na inversão de hierarquias e em uma determinada cadeia de substituição ou contexto sociocultural. Hall (2011) também defende a ideia de descentramento dos sujeitos, afirmando que eles não são marcados por identidades fixas, estáveis e a-históricas, mas identidades fragmentadas, contingenciais e incompletas, construídas a partir de diferentes experiências e diferentes contextos.

Essas discussões são importantes para compreender que as identidades, numa perspectiva pós-estruturalista, são entendidas como produções históricas, elementos passivos da cultura, sendo constantemente criadas e recriadas, são plurais, contraditórias, cambiantes, fluidas, se configurando numa impossibilidade tentar fixá-las e supor a existência de

binarismos identitários e crer numa essência humana preexistente à cultura. Ou seja, a identidade

É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu coerente”. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (Hall, 2011, p. 13).

Diante das discussões supracitadas, sobretudo no que tange às ideias de descentramento, desconstrução, recusa à ideias essencialistas, homogeneizantes e universalistas sobre os sujeitos, as identidades e os discursos, suscitadas pelo pós-estruturalismo, importa aqui desenvolver uma discussão sobre algumas ideias defendidas por Felix Guatarri e Gilles Deleuze, importantes pensadores pós-estruturalistas, especialmente no que se refere a algumas dimensões imbricadas nos processos cognitivos, tais como: conhecimento, pensamento, linguagem e aprendizagem.

A Filosofia Deleuze-Guatarriana e os processos cognitivos: algumas discussões

A Filosofia de Deleuze e Guatarri, uma filosofia do devir, considerada nômade e alicerçada numa gramática própria, múltipla e fecunda (Santos, 2011), procurou defender posturas anti-cartesianas, refutando a ideia clássica de existência de uma realidade fixa, estável e preexistente ao sujeito, afirmando-o como único (e composto por múltiplas variações), consciente e participante ativo nos processos cognitivos.

Essa Filosofia valoriza “a diversidade das singularidades” (Gallo, 2003), valoriza os fatos, as experiências vivenciadas pelos sujeitos, considerando os detalhes dos acontecimentos como sendo únicos, rompendo dessa forma, com a visão tradicional de existência de verdades absolutas e com a estruturação de modelos conceituais universalizantes, rígidos e fixos. Em suma, o que Deleuze e Guatarri sugerem em sua Filosofia é uma produção

[...] que se distancia da filosofia clássica na medida em que não mais vê a mesma como contemplação transcendente do real, mas como produção, criação de conceitos para interagir com as realidades em toda a sua multiplicidade de forma imanente (Mossi, 2014, p. 1).

Embora os autores, em suas obras, tenham tratado muito pouco, de questões, especificamente, ligadas à educação, eles defenderam alguns conceitos e ideias, numa perspectiva pós-estruturalista, bastante importantes para se pensar nos processos cognitivos. Alguns deles são pensamento e aprendizado.

O pensamento, para Guatarri e Deleuze, deixa de ser compreendido como um ato inato e natural do ser humano (como na filosofia clássica) e passa a ser concebido como uma atividade que precisa ser “violentada” a partir de “encontros e afecções”, ou seja, eles criticam o pensar como algo inerte, defendendo o mesmo como sendo um processo dinâmico, indeterminado, descontínuo e não-linear, com o potencial de criar novos sentidos e valores, todavia precisa ser acionado, forçado. Para os autores, pensar

Designa a atividade de pensamento: mas o pensamento tem suas maneiras próprias de ser inativo, ele pode empenhar-se nisso inteiramente e com todas as suas forças [...]. É preciso que uma violência se exerça sobre ele enquanto pensamento, é preciso que um poder force - o a pensar, lance-o num devir-ativo (Deleuze e Guatarri, 2011, pp. 88-89)

Nesse ínterim, o pensamento e o ato de pensar, mesmo quando analisados a partir do seu funcionamento orgânico, também são compreendidos de forma de forma descontínua e descentrada.

O pensamento não é arborescente e o cérebro não é uma matéria enraizada nem ramificada. O que se chama equivocadamente de “dendritos” não assegura uma conexão dos neurônios num tecido contínuo. A descontinuidade das células, o papel dos axônios, o funcionamento das sinapses, a existência de micro fendas sinápticas, o salto de cada mensagem por cima destas fendas faz do cérebro uma multiplicidade que, no seu plano de consistência ou em sua articulação, banha todo um sistema probabilístico incerto, *uncertain nervous system* (Deleuze e Guatarri, 1995, p.25).

Assim, segundo Souza (2012), para Guatarri e Deleuze, o cérebro não é apenas um depósito onde se guarda e manipula informações, mas ele constantemente e de forma ativa, atualiza, traduz, significa e ressignifica as informações recebidas, produzindo sentidos e significados a partir das experiências vivenciadas pelos sujeitos. Ou seja, “Pensar é sempre experimentar” (Deleuze, 2003), assim, diferentemente da concepção nihilista, o pensamento se constitui a partir de condições concretas e empíricas (embora não determinísticas) e ele está sempre se renovando, mudando e construindo novos significados, e esse processo de construção de significados está diretamente atrelado a aprendizagem.

Na Filosofia Deleuzo-Guatarriana, a aprendizagem e/ou o ato de aprender vão além do saber, eles implicam em criação, invenção, adaptação, formulação de ideias e de problemas, sendo dotada de imprevisibilidade. A aprendizagem requer o encontro com o outro, com o diferente, com os signos, e implica na invenção de novas possibilidades, novas respostas, que são sempre singulares, cada sujeito produz algo diferente e próprio na sua relação com os signos.

A aprendizagem não se faz na relação da representação com a ação (como reprodução do mesmo), mas na relação do signo com a resposta (como

encontro com o Outro). O signo compreende a heterogeneidade, pelo menos de três maneiras: em primeiro lugar, no objeto que o emite ou que é seu portador e que apresenta necessariamente uma diferença de nível, como duas disparatadas ordens de grandeza ou de realidade entre as quais o signo fulgura; por outro lado, em si mesmo, porque o signo envolve um outro “objeto” nos limites do objeto portador e encarna uma potência da natureza ou do espírito (Ideia); finalmente, na resposta que ele solicita, não havendo “semelhança” entre o movimento da resposta e o do signo. (Deleuze, 2003, p. 48).

Sendo definida como uma arte por Deleuze (1998), a aprendizagem não ocorre de forma espontânea, mas envolve aproximação, repetição, estando em permanente construção. Nesse sentido, segundo Kastrup (1998)

A aprendizagem, em sentido deleuziano, não é analítica nem reflexiva. Se ela passa pela reflexão, não se esgota aí. Ela envolve intimidade, contato direto, corporal com a matéria [...]. Repetir não é criar automatismos, condutas mecânicas. A repetição que está envolvida na arte-aprendizagem é como a do músico que ensaia duramente até poder viajar na melodia ou a de um ator que ensaia até incorporar o espírito do personagem, até cavar uma profunda intimidade com ele, até encarná-lo, corporificá-lo e com isso espantar a mediação da representação. Dito de outra maneira, o melhor aprendiz não é aquele que aborda o mundo através de hábitos cristalizados, mas aquele que consegue permanecer sempre em processo de aprendizagem [...]. Em sentido último, aprender é experimentar incessantemente, é fugir ao controle da representação. É também, nesse mesmo sentido, impedir que a aprendizagem forme hábitos cristalizados (Kastrup, 1998, p. 107).

Ainda analisando a perspectiva Deleuziana no que tange ao aprendizado, a autora afirma que

O aprendizado assume a forma de um círculo, em que o movimento é o de reincidir, retornar, reinventar, reiterar, recomeçar. Em última análise, a lógica circular do aprender aponta para o inacabamento do processo. O aprendizado jamais é concluído e sempre abre para um novo aprendizado. Ele é contínuo e permanente, não se fechando numa solução e não se totalizando em sua atualização, precisando por isso ser sempre reativado (Kastrup, 2005, p.1279).

Nessa ótica, o processo de aprender está incessantemente recomeçando, é marcado por constante criação e demanda que o aprendiz se desprenda de (pre)conceitos, respostas dadas e hábitos cristalizados. Dessa forma, ensinar e/ou buscar contribuir com a aprendizagem não é meramente a transmissão de informações ao aprendiz, mas sim, suscitar problematizações e questionamentos que “forcem” o mesmo a criar, buscar e pensar em soluções e repostas.

Essa concepção acerca da aprendizagem, tida como plural, problematizadora, individual, contínua e permanente remete também a deslocamentos no entendimento sobre as próprias teorias e paradigma do conhecimento, defendidos pelos autores a partir de uma visão rizomática.

Segundo Deleuze (2003), a metáfora do rizoma se opõe a metáfora arbórea da estrutura do conhecimento. Nesta, o conhecimento é tomado como uma árvore grande, com raízes profundas e fincadas no solo e com muitos galhos desconectados. Esta metáfora representa a concepção mecânica e o paradigma positivista do conhecimento, marcados pela mecanização, hierarquização, compartimentalização e fragmentação do saber, oriundos do cientificismo moderno. Segundo Gallo (1995), o paradigma arborescente pode ser entendido da seguinte maneira

O tronco da “árvore do saber” seria a própria Filosofia, que originariamente reunia em seu solo a totalidade do conhecimento; com o crescimento progressivo da “árvore” adubada intensamente pela curiosidade e sede de saber própria do ser humano, ela começa a desenvolver os galhos das mais diversas “especializações” que, embora mantenham suas estreitas ligações com o tronco – nutrem-se de sua seiva e a ele devolvem a energia conseguida pela fotossíntese das folhas em suas extremidades, num processo de mútua alimentação/fecundação – apontam para as mais diversas direções, não guardando entre si outras ligações que não sejam o tronco comum, que não seja a ligação histórica de sua genealogia. Para ser mais preciso, as ciências relacionam-se todas com seu “tronco comum” - pelo menos no aspecto formal e potencialmente -, embora não consigam, no contexto deste paradigma, relacionarem-se entre si (Gallo, 1995, p. 5).

Subvertendo a metáfora arbórea, Guatarri e Deleuze defendem a noção de rizoma. Este é um fenômeno oriundo da Biologia e se refere ao caule radiforme de algumas plantas, composto por várias raízes entrelaçadas e emaranhados de bulbos. A imagem do rizoma remete a heterogeneidade, a multiplicidade, a transversalidade, a interconexão do saber, a inexistência de um saber único, verdadeiro e centrado. Noutros termos, o rizoma implica numa forma de pensar onde os conceitos não partem de um centro ou ponto de poder e/ou origem, mas sim, funciona através de múltiplos encontros, conexões constantes e modificações contínuas. Segundo Santos (2011)

O conceito de rizoma é utilizado para expressar a multiplicidade. A imagem do rizoma não está ligada a hierarquia, muito pelo contrário, presume múltiplas possibilidades de interconexão, uma transversalidade que se opõe a verticalidade e a horizontalidade. Na obra deleuzo-guatarrianiana, o rizoma é a possibilidade epistemológica fecunda para análise de sistema tanto na sua organização microssocial, quanto nas reflexões envolvendo discussões macrossociais, a exemplo, a prevalência do poder nas organizações sociais, a noção de conhecimento, as questões de educação, da compartimentalização dos saberes etc. [...]. O rizoma é intensidade contra unidade, essência e permanência. Compreende como fundamental a descontinuidade, a ramificação e multiplicidade de ações denunciando o lugar do poder, da ordem, da organização binária do mundo social e seus dualismos, o bom e o mal, o certo e o errado (p. 14).

O paradigma rizomático se orienta e se funda em seis princípios básicos, a saber:

1 – Princípio de conexão: todos os pontos do rizoma, estando em qualquer posição, podem se conectar com outros, assim, para esse princípio, não há início e fim para o conhecimento, não há um centro epistêmico legitimador, nem tampouco um pressuposto último que sustenta todo o conhecimento, porque “qualquer ponto do rizoma pode ser conectado a qualquer outro” (Deleuze; Guatarri, 1995, p. 22).

2- Princípio da heterogeneidade: na medida que há relações, trocas e conexões entre os pontos do rizoma eles não permanecem como eram anteriormente, mas vão se alterando, criando novas conexões, levando-os a ser diferentes uns dos outros, ou seja, o rizoma promove a heterogeneidade e não a homogeneização.

3 -Princípio da multiplicidade: o rizoma não pode ser concebido enquanto uma unidade, mas sim, de forma múltipla, como sistemas abertos que se multiplicam, estabelecem novas e múltiplas conexões, ligações, inclusões. Essa perspectiva refuta a existência de verdades universalizadas e únicas e ideias totalizantes e preexistentes, porque o rizoma “não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções movediças [...]. Ele se constitui de multiplicidades (Deleuze; Guatarri, 1995, p. 31).

4 – Princípio da cartografia: o rizoma possui múltiplas e infinitas probabilidades de entradas e saídas e, como um mapa, ele é aberto e pode ser revisto, explorado, relido, recriado, ressignificado, isto porque, “o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificação constantemente” (Deleuze; Guatarri, 1995, p. 30).

5 – Princípio da decalcomania: o rizoma não tenciona a criação de formas inéditas de produção do conhecimento. Ele é como um mapa que pode ser relido, reproduzido, “decalcado”, porém nesse exercício de colocar um mapa sobre a cópia, há fugas, modificações, novas possibilidades, novos territórios, mas isso, a partir de algo já criado.

6 – Princípio da ruptura assignificante: o rizoma não pressupõe processos de significação, ele rompe com processos rígidos e estáticos de significação, ele é um constante devir, está sujeito a fugas e pode ser ressignificado, retraçado, reinventado.

Ainda assentados nessas ideias de descentramento, pluralidade, multiplicidade, os autores analisam a linguagem. Para Guatarri e Deleuze, a linguagem vai além do âmbito do léxico e da sintaxe, há todo um conjunto de fatores que, embora não se confunda com a palavra em si, tem o poder de participar da construção de seu sentido, ou seja, ela é um produto histórico-cultural, envolvendo, dessa forma, a participação ativa do sujeito, ela é circunstancial, a fala não é um sentimento ou simplesmente a expressão de um dado, ela é um

enunciado e deve estar obrigatoriamente inserida num dado contexto histórico para ter sentido.

Considerações Finais

Refletir sobre processos cognitivos a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, especialmente, a partir de conceitos defendidos por Guatarri e Deleuze, que visam romper com visões apriorísticas, essencialistas, homogeneizantes, unas, defendendo conceitos que levam a uma perspectiva cognitiva a-centrada, múltipla, criativa, plural, polifônica, pode representar, na contemporaneidade um rico e fecundo campo para se busca superar as formas fragmentadas, hierarquizadas e compartimentalizadas de produção do conhecimento, sobretudo nos espaços escolares e acadêmicos.

Referências

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética Negativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BORDA, Erik Wellington Barbosa. As várias peles que encarnamos: a questão da identidade cultural. **Revista Café com Filosofia**. V.4, n. 1, jan-abr., 2015, PP. 114-133.

BROWN, J. S.; COLLINS, A.; DUGUID, P. Situated Cognition and the Culture of Learning. **Educational Researcher**, v. 18, p. 32-42, 1989.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os Signos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Trad. Luiz Orlandi. 2. ed. Rio de Janeiro: Geralç, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, D. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, D. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 2, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Trad. Thomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. Michel Foucault – Beyond Structuralism and Hermeneutics. **Harvester Wheatsheaf**: Nova York, 1982.

GALLO, Sílvio. **Deleuze e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GALLO, Sílvio. Conhecimento, transversalidade e currículo. **Reunião anual da ANPED**, v. 24, p. 97, 1995.

GUTTIN, Gary. Post-Structuralism. In.: CRAIG, Edward (ed.). **The Shorter Routledge Encyclopedia of Philosophy**. Routledge. Nova York, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 9. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

KASTRUP, Virgínia. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devirmestre. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1273-1288, set./dez. 2005.

KASTRUP, Virgínia. A cognição contemporânea e a aprendizagem inventiva. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 49, pp. 108-122, 1998.

LOPES, Alice Casimiro. Discurso nas políticas de currículo. **Currículo sem Fronteira**, v. 6, n. 2, pp. 33-52, jul/dez. 2006.

MOSSI, Cristian Poletti. Deleuze & Guatarri, a arte de criar conceitos e as pesquisas em educação: uma colagem. **X ANPED**, Florianópolis, out., 2014.

PANIZZA, Francisco; MIORELLI, Romina. Taking Discourse Seriously: Discursive Institutionnalism and Post-structuralist Discourse Theory. **Political Studies**, v. 61, n. 2, pp. 301-318, 2013.

PEREIRA, Talita Vidal. As contribuições do paradigma pós-estruturalista para analisar as políticas curriculares. **Espaço do Currículo**. V. 3, n. 1, pp. 419-430, març. 2010.

PEIXOTO, Cesar Roberto Campos. A linguagem, o sujeito e o currículo no pós-estruturalismo: reflexões para a prática de leitura em Língua Estrangeira. **Revista Eutomia**. v. 1, n. 1, pp. 491-508, jul, 2008.

PETERS, Michael. **Pós-Estruturalismo e Filosofia da diferença**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, Ed. Autentica, 2000.

SALES, Mare Valda Souza; Burnham, Teresinha Fróes. Cognição e formação: uma reflexão complexa. **Int. J. Knowl. Eng. Manage.** Florianópolis, v. 3, n. 7, p. 65-86, Nov.2014.

SANTOS, Vinicius Silva; SOUZA, Antonio Vital Menezes de; SANTOS, Paloma Araújo Cortes. Rizoma-aprendizagens e Ecologias cognitivas. In.: **V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”**, 5, 2, 2011, pp. 1 -14.

STENGERS, I. A Propósito da Psicanálise. A vontade de Fazer Ciência. Paris, **Collection les Empêcheurs de Penser en Rond**, tradução (não publicada) de Atalia Fontes, 1992.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documento de identidade**: uma introdução às teorias de currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOUZA, Carlos Alexsandro de Carvalho; COSTA; Karolyne Santana. As Bases de Construção do Sujeito Moderno: Posicionamento dos Movimentos Estruturalista e Pós-estruturalista. **Revista TOMO**, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, n. 36, p. 173-194, jan./jun. 2020.

SOUZA, Rodrigo Matos de. Rizoma Deleuze-guattariano: representação, conceito e algumas aproximações com a educação. **Revista Sul - Americana de Filosofia e Educação**, n. 18, maio - out/, p. 234-259, 2012.

VENANCIO, Ludmila Salomão.; BORGES, Mônica Erichsen Nassif; COGNIÇÃO SITUADA: fundamentos e relações com a Ciência da Informação. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon**: Florianópolis, n. 22, 2º sem. 2006.

VARELA, Francisco J. "Neurophenomenology: a methodological remedy to the hard problem". **Journal of Consciousness Studies**, 3: 330-350, 1996.

WATSON, S. The neurobiology of Sorcery: Deleuze and Guattari's Brain. **Body and Society**, v. 4, n. 4, p. 23-45, 1998.

WILLIAMS, James. **Pós-Estruturalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOBRE A AUTORA

Cínthia Nolácio de Almeida Maia. Doutoranda em Difusão do Conhecimento – Universidade Federal da Bahia (UFBA); Professora do Colegiado de História – Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (DCH – IV, Jacobina – Bahia). <http://lattes.cnpq.br/8440352327827175>.

Como citar

MAIA, Cínthia Nolácio de Almeida. Processos cognitivos e pós-estruturalismo: algumas reflexões a partir de Gilles Deleuze e Felix Guattari. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, Itapetinga, v. 05, n. 12, p. 1-15, jan./dez, 2024